

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

O imaginário sobre a Biblioteca Pública Benedito Leite: alguns aspectos¹

Cleyciane Cássia Moreira Pereira

César Augusto Castro

Roseli de Oliveira Ramos

ARTIGO

Resumo

O segredo acerca da Biblioteca Pública Benedito Leite desvendado à luz da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. Apresenta-se essa Biblioteca entremeada pela imagem social que apresenta à sociedade ludovicense através de narrativas mitológicas. Para isso, aplicam-se questionários a usuários e funcionários, concomitante com o estudo de algumas características arquitetônicas a partir de fotografias dessa Instituição. Identificando-se o contexto mítico que perpassa a Atenas Brasileira, e como a Biblioteca Benedito Leite está submersa neste, com caracteres que recordam a Atenas, da Grécia Antiga, tais como as colunas desenhadas com capitel coríntio, a sua localização no topo mais alto da cidade, equiparáveis a acrópoles gregas; como símbolo da sabedoria, deusa Atenas (Grécia) e Minerva (Roma) com seus elementos mitológicos, norteada pela história-político-econômica de São Luís. Dessa forma, percebe-se como as narrativas míticas manifestam-se com muita força na representação social, no imaginário social dos usuários e funcionários que a adentram, auxiliando no combate a suas angústias diante do tempo, da vida.

Palavras-chave: Biblioteca Pública Benedito Leite. Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. Biblioteca Benedito Leite - Mito de Atena.

The imagery of the Public Library Benedito Leite: some aspects

Abstract

The secret about the Public Library Benedito Leite unraveled in the light of the Theory of the Imaginary by Gilbert Durand. Presents this larded Library by social image that shows to the society of São Luís through mythological narratives. To achieve this goal questionnaires are applied to the users and employees of this institution. Identifying the mythical context of the Brazilian Athens, and how the Benedito Leite library is inserted on it, with its similarities with the Athens from the Ancient Greece, on the architecture with the columns designed with Corinthian capital, situated on the highest place of the city, like the Greek acropolis; as a symbol of wisdom, goddess Athena (Greece) and Minerva (Rome) with all of its mythological elements, guided by the political economic history of São Luís, like Athens. This way it is possible to realize how the mythical narratives are revealed in the social representation, in the social imaginary of users and employees that go in there seeking for help in the fight against their sorrows before the time and the life.

Keywords: Public Library Benedito Leite. Theory of the Imaginary by Gilbert Durand.. Benedito Leite Library – Athena Myth.

1 Introdução

A Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL), a segunda biblioteca mais antiga do Brasil, criada em 1829, guarda alguns segredos por detrás de suas colunas em estilo coríntio e escadarias que nos suscitam a desvelá-los, guiados pela Teoria durandiana.

¹ Extrato da monografia defendida no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2007.

A BPBL localizada na ilha maranhense, em São Luís, após anos envolta pelo descaso de administrações públicas, em 2013², começa a contar novas histórias de sucesso com a reestruturação do seu acervo, investimentos na infraestrutura física e tecnológica, as quais não constituem objeto deste estudo.

A pesquisa se pautou nos objetivos de identificar as imagens e os mitos camuflados em sua estrutura arquitetônica e no imaginário dos usuários e funcionários que constituem essa instituição. Deparamo-nos com a comparação que guarda na sua história com o Partenon de Atenas, até a constatação de inúmeras cenas e reversos de abandono com seu acervo, por muitas vezes conduzido indevidamente de um espaço para outro.

O procedimento metodológico adotado para essa pesquisa foi o estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados foram questionários fechados e abertos, aplicados de acordo com a amostragem randômica, que segundo Castro (2003) consiste numa seleção em que cada indivíduo tem a oportunidade de ser selecionado. Destarte, realizou-se a análise em duas etapas: a primeira, ocorreu com o estudo das fotos referente à arquitetura da Biblioteca, e a segunda baseou-se nos 25 questionários aplicados, sendo 16 para usuários e 9 para funcionários.

2 Biblioteca Pública Benedito Leite

A história de sobrevivência da BPBL não destoia das demais bibliotecas públicas brasileiras, com inúmeras lutas, várias mudanças até vir a se instalar em prédio próprio. A primeira de sucessivas lutas iniciou-se em 08 de julho de 1826, na sessão proferida na Assembléia Legislativa, quando o Dr. Antônio Pedro da Costa Ferreira (futuro Barão de Pindaré), membro do Conselho Geral da Província, apresentou o projeto de criação de uma biblioteca para São Luís e solicitava para sua manutenção a oitava parte das sobras das rendas da Província (VIVEIROS, 1960).

O Projeto foi enviado ao Imperador D. Pedro I somente em 29 de setembro de 1829, aprovado no mesmo ano, contudo, alegaram falta de verbas para sua instalação. Então, o Presidente da Província, o Desembargador Cândido José de Araújo Viana, empreendido na missão de montar uma Biblioteca Pública na Província arrecadou, através de subscrição popular e voluntária, recursos para investir nesse projeto.

Com ajuda financeira da Província e da Câmara Municipal foi inaugurada ao público, em 31 de maio de 1831, na parte superior do Convento do Carmo, a Biblioteca Pública da Província, despontando com o acervo de 1.448 volumes e após cinco anos alcançando 3.376 (LEITE; SOUZA, 2006).

Passados cinco anos, as verbas tornaram-se escassas para custeá-la, os danos físicos avolumavam-se ao ponto de perder parte do acervo por infiltrações, conforme Pinheiro (2004, p. 43) “[...] as péssimas instalações físicas da Biblioteca ficavam cada vez mais prejudicadas em decorrência das chuvas que continuavam causando vários estragos, dessa vez, em toda extensão do teto que cobria a mesma [...]”.

E assim, vai tornando-se cada vez mais decadente, até ser anexada ao Liceu Maranhense³ em 1851. Esta anexação não lhe trouxe benefícios; o descaso apenas ampliou-se e todas as pesquisas concernentes à anexação ao Liceu demonstram sua decadência e abandono.

Joaquim Serra interessa-se por ela e a recupera, encaminhando projeto para o Conselho da Província, propondo a sua vinculação ao Instituto Literário Maranhense em 1866. Logo, é aceito o pedido e anexada a este Instituto, promotor da educação, criado em 1865.

Infelizmente, dos 1.931 volumes que possuía apenas 984 foram recuperados pelo Instituto Literário Maranhense, mas nesse período começa a contar com um relativo crescimento. O zelo se propaga à recuperação física do ambiente e adquire novos livros, passando a funcionar com um acervo de 2.234 encadernados e em condições de uso. Decorrido seis anos, o Instituto

² Biblioteca que passou por uma enorme reforma, após interdição da Defesa Civil que alertava sobre risco de desmoronamento e tornavam o uso indevido, em 2009. Sua reforma foi iniciada em 2010 e reinaugurada no final de 2013.

³ Instituição criada em 1838, cuja finalidade era oferecer o ensino público secundário no Maranhão que funcionava no Convento do Carmo.

sucumbe e a Biblioteca fica sob a guarda do Governo da Província. Este, por sua vez, trata imediatamente de ausentar-se dessa responsabilidade e a destina por meio da Lei nº 991, de 10 de junho de 1872, aos cuidados da Sociedade Onze de Agosto.

A Sociedade Onze de Agosto, entidade criada em 1870, também por subscrição popular, para funcionar com uma escola de cursos noturnos para as classes carentes de São Luís, estava localizada no Prédio da atual Assembléia Legislativa, na Rua do Egito. Ao desvelo da Sociedade permaneceu de 1872 a 1880, tendo um exponencial crescimento, sua instalação ficava na parte superior do prédio em um salão honroso, com boas condições de funcionamento tanto físicas quanto mobiliárias.

Porém, a Sociedade naufraga por causa das suas despesas e é obrigada a vender o prédio para o governo, que o cede para a Assembléia Legislativa. Esta promove a transferência da Biblioteca para a Cúria Metropolitana. Ocorre uma simples troca, a Assembléia começa a funcionar no Prédio da Rua do Egito em que a Biblioteca localizava-se e esta a ocupar o espaço onde a Assembléia alojava-se. De acordo com Fernandes (2003, p. 322):

A Escola 11 de agosto, porém, a seu tempo mostrava-se um edifício nobre e grandioso. Era muito para a Biblioteca e aulas de primeiras letras. Não era demais para um Parlamento [...]. E, assim retiraram a Livraria Pública dos salões adaptados à sua acomodação, com estantes fixas nas paredes, salas para manuscritos, armários para mapas, galerias de quadros, e até o edifício da Catedral, abandonado pelo Legislativo, passando este a funcionar na escola de primeiras letras 11 de agosto, que a beneficência do povo criara para início da sua desanalfabetização.

A sua transferência para a Cúria Metropolitana acarretou à Biblioteca sérios prejuízos, devido descuidos, conforme Relatório do Comendador Themístocles Aranha presidente da Província (apud FERNANDES, 2003, p. 324):

Os carregadores dos livros muitas vezes deixavam os caixões nas portas das quitandas, e, enquanto faziam suas libações, o moleque que passava subtraía um volume para divertir-se ou vender mais adiante. As ruas compreendidas entre os dois edifícios, o que era despojado dos livros e o que recebia, ficavam alastradas de estampas, mapas, jornais e folhas de livros.

Ao acomodar-se na nova sede e reaberta ao público começou a receber ajuda financeira do governo e novas doações. E assim, ela foi conseguindo desenvolver seus serviços e trabalhos, até que os administradores do prédio o solicitaram.

Parecia que a Biblioteca estava incomodando, pois antes da sua mudança, freqüentavam a Sé apenas políticos que acabavam por tirar o sossego dos administradores do prédio, com a Biblioteca acontecia o contrário, apesar de ter sempre várias pessoas na casa, havia um clima de silêncio, mas, mesmo assim incomodava os administradores. É de se supor que eles pouco se importavam com a Biblioteca, não tinham noção do que representava essa instituição, assim não pensaram duas vezes em exigir seu espaço de volta, sem se preocupar com o destino da mesma (PINHEIRO, 2004, p. 68).

A Biblioteca foi novamente deslocada para o Convento do Carmo, local de sua primeira localização, e entregue em 1886 ao Comendador Themístocles Aranha e Francisco Brandão, o Inspetor da Instrução Pública.

Nessa remoção foi quase extinta se não fosse o desvelo do Comendador, pois as goteiras eram inúmeras, foram feitas muitas reclamações ao governo da Província, mas nada era feito e os livros continuavam em salas impróprias.

Após muita insistência uma reforma foi realizada, contudo, a verba dispendida para tal não foi suficiente para concluí-la. O relatório do Comendador à Instituição Pública ressaltou que “O estado desta obra, e o que virá a ser, mesmo depois de concluída, não se descreve, só vendo-se. Por melhor que seja preparada, não passará de dois quartos baixos, escuros e sem ventilação” (FERNANDES, 2003, p. 325).

Themístocles Aranha propõe que fosse construído um prédio para a Assembleia e que a Biblioteca voltasse para sua antiga localização, na Sociedade Onze de Agosto, visto que ainda não tinha sido ocupado e nem reformado para a Assembleia. Prevenindo-se sobre a alegação de falta de verbas, o Comendador apresentou uma segunda alternativa: que fosse anexa à Instrução Pública. Acontecendo, então, à anexação, ficando no Convento do Carmo, mas esta anexação não foi muito significativa para a Biblioteca, pois ficou abandonada e esquecida; e nos relatórios da Província tornou-se menos mencionada.

Em 1895 seu acervo encontrava-se reduzido a apenas 500 volumes. Praticamente extinta, ressurgiu no cenário ludovicense decorrente da Lei oriunda de um Projeto de reorganização, apresentado por Benedito Leite⁴ ao Congresso Legislativo do Estado.

A sua direção é dada ao professor Ribeiro do Amaral que não mediu esforços para recuperá-la, conseguindo doações, ampliando seu acervo e transferindo-a para a sede da atual Academia Maranhense de Letras (Foto 1).

Foto 1 - Sede atual da Academia Maranhense de Letras



Fonte: Arquivo da BPBL.

Depois de todos os esforços empreendidos foi aberta ao público em 1898, agora sob direção de Antônio Lobo. Segundo Braga (2002, p. 85) “[...] teve uma das mais brilhantes de sua existência [...], recebeu novo impulso com aquisição de novos livros, organização de catálogos e frequência diurna e noturna”.

Antônio Lobo a administrou até 1910, período de maior efervescência no contexto cultural. Nesse período, dela surgiram vários movimentos que deram origem a entidades como Oficinas dos Novos, a Sociedade das Datas Nacionais e a Academia Maranhense de Letras; os primeiros discursos jornalísticos de professores, intelectuais e militantes. Várias pessoas ilustres a visitaram, como Coelho Neto que em 15 de julho de 1899 proferiu o seguinte discurso sobre ela:

Esta é a grande colméia. Aqui, nos seus alvéolos, vivem as abelhas que trazem da grande flora do Espírito Humano mel sávido da Inspiração e a cera da Sabedoria. Distila o mel dourado das estrofes e os conceitos, feita cera casta que é a matéria-prima dos círios, dão luz ao altar do mundo, onde o Pensamento é o Deus uno, forte, criador eterno. Guarda, Aristeu, às abelhas serenas e aos que te pedirem mel ou cera, vai prodigamente dando, que, assim, praticas a mais meiga e salutar das misericórdias, qual a de consolar e esclarecer os espíritos (COELHO NETO, 1899 apud MORAES, 1973, p. 30-31).

Depois da administração de Antônio Lobo enfraqueceu novamente, ficando em estado de abandono de 1914 a 1927; instalando-se por determinação governamental na antiga Sociedade Onze de Agosto e o seu posterior envio para a Academia Maranhense de Letras, onde permaneceu à espera do seu local definitivo. Destaca-se que a Lei nº 816 que autorizava o Poder Executivo a construir um prédio próprio para a Biblioteca já havia sido aprovado, desde 24 de agosto de 1918, porém sua edificação deu-se somente em 1950, no governo de Sebastião Archer. Este prometera “[...] não descer as escadas do palácio [...] sem deixar a nossa única livraria pública em condições de honrar os nossos foros de povo voltadas às atividades de espíritos” (MARANHÃO, 1988, p. 30).

Então, a BPBL é inaugurada no dia 19 de setembro de 1951. Sua arquitetura em estilo Neoclássico (Foto 2) de grandes proporções: escadarias e colunatas de acesso, cúpula e alas semi-circulares. Tombada pelo Departamento Histórico e Artístico Público do Maranhão.

⁴ Em sua homenagem o nome da Biblioteca Pública Provincial é modificado, em 1958, para a Biblioteca Pública Benedito Leite, notável político maranhense.

Foto 2 - Biblioteca Pública Benedito Leite



Fonte: Arquivo da BPBL.

Está localizada na parte mais alta da cidade. A sua frente fica a Praça do Panteon definido, em 1998, pela Lei Municipal nº 3.697, como local de exposição dos bustos em homenagem póstuma oficial a figuras que prestaram relevantes contribuições às Artes e às Letras do Maranhão. Da parte mais elevada da Biblioteca, onde se instala o auditório “[...] se descortina o panorama de toda a cidade, [da] velha cidade até descer por todos os lados à orla marítima” (VIVEIROS, 1960, p. 313-314). Essa viagem ao passado da BPBL é proveniente da necessidade de situarmos e conhecermos sua história.

3 História da Athenas Brasileira

Segundo Correa (1993 apud ERICEIRA, 2006) São Luís desde a sua criação apresenta um ambiente permeado de mitos e representações coletivas que referendavam a perfeição de sua gente e de seu território.

A princípio a ilha de Upaon-Açu, o primeiro nome dado à cidade de São Luís pelos indígenas, foi invadida por portugueses em 1534; franceses em 1612 e holandeses em 1641. Mas oficialmente a responsabilidade pela sua fundação é concebida aos franceses. Daniel de La Touche, senhor de La Ravardiere, foi enviado, em 1610, a terras maranhenses, a pedido do rei Henrique IV, permanecendo nelas por cerca de seis meses, ao retornar encontra na França o rei assassinado por um fanático protestante e o trono ocupado por Maria de Médicis.

La Ravardiere convence Maria de Médicis, Luís XIII e outros adeptos sobre a importância de organizarem uma expedição, com cerca de 500 homens em três navios, para colonizar uma “França” em terras distantes. Saíram em 19 de março de 1612 e no dia 08 de setembro de 1612 aportam na ilha, fundando a cidade após missa e procissão, dando o nome de Saint-Louis (São Luís), em homenagem a Luís IX, rei, estadista e santo. Com essa missa deram margem ao ousado e brilhante sonho da França Equinocial.

[...] esse mito da fundação francesa de São Luís teria emergido no final do século XIX com a crise do sistema agro-exportador e estaria respaldado na crença de uma singularidade e de uma superioridade do maranhense frente aos habitantes de outras províncias. Nesse período, contrapondo-se a um declínio econômico, a elite ludovicense, orgulhosa de seu passado esplendoroso, teria forjado uma identidade narcísica de auto-afirmação, procurando encontrar em suas origens um elemento que a diferenciassse dos outros Estados. Assim, a cidade poderia celebrar e confirmar para si mesma a riqueza ímpar de sua terra e o refinamento particular de sua gente (LACROIX, 2002 apud ERICEIRA, 2006, p. 45).

E assim surgiram outros mitos, lendas, histórias que retratam e tentam dar significado a um passado glorioso, ostentado em suas construções, telhados, sacadas de mansões senhoriais de séculos passados. Várias civilizações aportaram e brigaram para afirmar domínio nestas terras, que foi se constituindo um estado paupérrimo, pois desde a colonização até meados do século XVIII, os alimentos eram produzidos em condições mínimas, comércio insignificante e os índios praticamente dizimados.

Quando o rei D. José I sobe ao trono português, em 31 de julho de 1750, empossa como primeiro ministro o Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo). Este, por sua vez, adota medidas que irão galgar progresso econômico no Maranhão, como a Companhia de Comércio que dá impulso a economia, incentivando a lavoura, a indústria e o próprio comércio, as exportações do algodão despontam. Tornou-se, então, o maior fornecedor de Tributos ao Tesouro Real, diretamente ligada à Corte portuguesa.

Os senhores começaram a acumular riquezas. Contudo, D. José I faleceu e o Marquês retornou à Corte, imediatamente esse Império que começara a crescer, definha. Visto que o algodão, um dos seus principais produtos de exportação, nesse período, para a Inglaterra perdeu mercado e oportunidade de se desenvolver; em virtude das Treze Colônias retomarem sua produção algodoeira e voltarem a suprir os ingleses como fizeram antes da guerra devido a sua autônoma economia. Aliado a esse fator, a qualidade inferior deste produto maranhense ao em relação norte-americano foi determinante para o seu declínio no mercado.

Em 1808, a família Real transfere a Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, decreta a abertura dos portos, facilitando a exportação de produtos agrícolas. No final desse século, com o declínio do apogeu agrícola do algodão, alguns senhores vendem escravos, e transferem-se para a capital, adquirindo máquinas, em busca de se envolverem no mercado industrial, inserindo fábricas têxteis que os levaram a ostentar um parque industrial, sendo fatores que projetaram São Luís mais uma vez à posição de destaque no cenário nacional.

Com esse feito São Luís despontou com uma elevada exportação de açúcar, arroz, seu parque industrial a conduzir ao posto de quarta cidade mais desenvolvida do país - perdendo apenas para o Rio de Janeiro, Salvador e Recife – e a primeira do Norte/Nordeste a adquirir transportes de bondes e a possuir iluminação pública a gás.

Com sua produção econômica florescendo recebeu inúmeras conquistas. Nesse momento, houve a construção de mais de três mil prédios, constituindo-se numa das mais belas construções harmônicas de azulejaria portuguesas na América Latina, edificada entre o final do século XIX e início do XX. Essas edificações conquistaram, em 1997, da UNESCO, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Incluindo também a construção do Teatro, que teve inicialmente o nome de Teatro União, depois Teatro São Luís, e hoje Teatro Arthur Azevedo, erigido entre 1815 e 1817.

A aristocracia rural enriquecida e o comércio urbano florescente permitem que o gosto de bem morar combine comodidade com beleza e requinte. Usa-se aqui a última moda dos grandes centros europeus, Pratica-se, no decorrer do século XIX, um estilo de vida faustosa e opulenta, que só entraria em franco declínio a contar da década de 80, encerrando-se definitivamente com a abolição da escravatura. Nesse período de esplendor da vida são-luisense, as lojas de moda crescem em número, variedade e sofisticação de seus sortimentos [...]. (MORAES, 1973, p. 25).

Contexto em que o acúmulo de riquezas por comerciantes e produtores também lhes dá condições de enviarem suas proles ao exterior para estudar, geralmente na Europa, Coimbra. Estes ao retornarem vinham imbuídos do conhecimento, da vida, das ideias revolucionárias europeias, o que provocou modificações na estrutura local atrelada a uma produção de obras artísticas diversas. Trazendo para o Maranhão o epíteto de Atenas Brasileira⁵ em virtude da familiaridade de seus filhos com as Letras e com as Artes. Assim, fazem intervenções nos mais diversos campos do conhecimento, sendo recebidos com muita honra, orgulho e notoriedade, tais como Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Lisboa, Gomes de Sousa e Gonçalves Dias.

Enfatizando-se que toda essa ascensão teve como grande contributo a mão-de-obra escrava que trabalhava para o despontar da elite. Após a abolição da escravatura, em 1888 a economia maranhense entra em declínio, a ponto de não ser mais citada na lista das cidades mais importantes do país.

O Brasil depois da abolição da escravatura vive o ciclo da decadência com exponenciais quedas econômicas, suas dívidas avolumam-se, seus grandes senhores rurais entram em falência, pois não mais contam com forças negras nas suas fazendas e a própria queda da monarquia dando vez à República. Entre todas as províncias fora talvez a do Maranhão que

⁵ Destaca-se que nas fontes pesquisadas não foi possível demarcar uma data exata para o epíteto Atenas Brasileira. Entretanto, este título, jamais fora esquecido, sempre lembrado com muito orgulho, e procurado ser seguido pelas demais gerações.

mais sofrera com a abolição.

Com o intuito de quebrar a apatia após a decadência do Maranhão surge o Grupo que se autodenomina “Os Novos Atenienses”, chefiados por Antônio Lobo, e o português de Nascimento Fran Paxeco. Essa geração floresce da ideia de um grupo que quer recuperar a Idade do Ouro e propõem uma renovação cultural dinâmica tendo como espelho o Grupo Maranhense que propiciou a São Luís o epíteto mítico de Atenas Brasileira, dando a ilha muitas publicações: revistas e jornais, promovendo debates, movimentos, festas cívicas, literaturas, criam instituições como a Academia Maranhense de Letras, O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, as Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia.

Uma das instituições erigida em meio a essa vontade de resgatar a Idade de Ouro de São Luís está a BPBL. Os Novos Atenienses reivindicam espaço em que pudessem promover suas discussões, debates; um local que lhes fornecesse conhecimentos para lutarem pelos seus ideais de renovação e de preservação de sua representação intelectual.

4 Breves Palavras Sobre Atenas, Grécia

É válido conhecermos um pouco da história de Atenas, da Grécia Antiga para que essa comparação torne-se mais evidente, pois com frequência recebeu este cotejo como se observou desde o século XIX. A saber, a comparação realizada no discurso de Josué Montello proferida na Assembleia Legislativa, em 11 de dezembro de 1950, quando defende a construção de uma obra suntuosa para a biblioteca pública:

Por sua tradição cultural e por seu culto ininterrupto ao bom gosto literário, o Maranhão deveria erguer as pedras da biblioteca pública com o fervor com que, na Idade Média, a Cristandade projetou no espaço as linhas góticas de suas catedrais. Não se poderia medir sacrifícios à consecução de uma obra que se vincularia ao passado, ao presente e ao futuro, e que devesse exprimir, na beleza de sua imponência, toda a glória cultural de um grande povo. Se os religiosos antigos batiam o pé das estradas esmolando em nome de Deus para construir as igrejas opulentas, que simbolizariam a grandeza da fé na humildade da condição humana – por que motivo haveríamos nós, no nosso devotamento às tradições intelectuais, de erigir um templo mesquinho à cultura, na Atenas Brasileira? (MORAES, 1973, p. 51).

A Grécia Antiga é considerada pelos historiadores como uma civilização de grande esplendor cultural, onde se desenvolveram a filosofia, as artes, os esportes, a tecnologia, e outras ciências. Para explicar as coisas do mundo e transmitir seus conhecimentos criaram vários mitos, lendas, narrativas repletas de monstros, heróis, deuses e outras figuras mitológicas que se fazem presente até os dias atuais. Possuíam vários deuses que eram tão semelhantes aos seres humanos que manifestavam até sentimentos. Para demonstrar sua crença nesses deuses desenvolveram uma brilhante arquitetura, os homenageavam com templos e procuravam retratar através das artes cenas do cotidiano grego, acontecimentos históricos e principalmente temas religiosos e mitológicos.

Para sua organização econômica contavam com a *pólis*, centro econômico, cultural, religioso e político de uma determinada região, estruturada da seguinte maneira: Acrópole (área mais elevada da cidade, onde se localizavam os templos); a Ágora (praça central) e a Asty (mercado). Nesse cenário, encontra-se Atenas, berço da civilização Ocidental e uma das cidades mais prósperas da Grécia Antiga, de lá despontaram gênios universais das artes, da literatura, da filosofia, da política, etc. Repleta de escritores, pensadores e escultores, com um forte brilho intelectual.

Cabendo destaque a deusa Atena, protetora da cidade. Por isso, construído um templo em sua homenagem, na parte mais alta da cidade (Acrópole de Atenas), de onde pudesse dominá-la, o Partenon erigido no século V a. C. Faz-se necessária menção ao mito de Atena (Grécia) ou Minerva (Roma). Segundo a mitologia Zeus (Júpiter) para evitar o cumprimento de uma profecia, engoliu sua amante grávida, Métis, para gerar ele mesmo o feto em seu interior. Um período depois, sentiu uma forte dor de cabeça e ordenou a Hefesto (Vulcano) que lhe abrisse a cabeça com um golpe de machado e dela nasceu Atena, já armada. Era ao mesmo tempo deusa da sabedoria e da guerra. Tornou-se conselheira dos deuses e heróis, e patrocinava somente combates pacíficos ou motivados por um ideal honroso, sua sabedoria lhe concedeu a dádiva de nunca perder uma guerra. Sua sabedoria e inteligência eram atribuídas a ter sido gerada na cabeça do deus supremo Zeus.

A deusa além de favorecer o bom combate tornou-se protetora dos sábios e estudiosos, o que acabou lhe conferindo o atributo de ajudar o homem nas habilidades manuais e intelectuais como a escrita, a música e a inteligência.

A deusa Atena também era considerada protetora da cidade, para isso possuía um símbolo, a coruja, símbolo de vigilância constantemente alerta que ficava em um dos seus ombros. Quando dormia esta fazia a guarda da cidade (MATTIUZZI, 2000). Análoga a BPBL que protege a memória, o conhecimento para atender as pessoas que dela o solicitem.

5 Análise Arquitetônica da BPBL

A BPBL está submersa a um contexto semelhante ao ateniense. São Luís entre meados do século XVIII e XIX apresentou figuras de grande notoriedade intelectual nas artes, na política, por isso a inevitável comparação com Atenas, e a persistência e o desejo de manter esse epíteto. E assim, a Biblioteca Benedito Leite é construída na parte mais elevada da cidade, na área central de São Luís, semelhante ao Partenon de Atenas, localizada na Acrópole, foto 3 e figura 1.

Foto 3 - BPBL na parte central de São Luiz



Fonte: Arquivo BPBL.

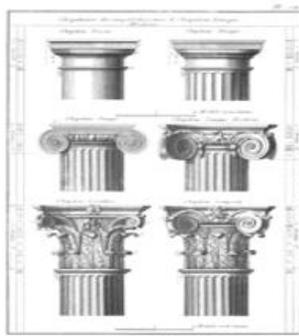
Figura 1 - Partenon de Atenas, Grécia



Fonte: <http://www.historiadaarte.com.br/imagens/PARTENON.JPG>

Os templos gregos possuíam elementos conspícuos no seu projeto arquitetônico, como as três ordens (estilos) gregas das colunas: dórica, jônica e coríntia (Figura 2), as quais apresentavam algumas modificações. De início, conheceram o estilo dórico, jônico e mais tarde acrescentaram o coríntio, derivada da jônica. As escadarias dessas construções geralmente possuíam três degraus, a entrada da BPBL também possui degraus, embora com números diferentes daqueles.

Figura 2 - Estilo de colunas gregas, de cima para baixo: dórica, jônica e coríntia.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_da_Gr%C3%A9cia_Antiga

Destaca-se o coríntio (Figura 3), visto ser análoga ao topo da coluna que sustenta a parte frontal da Biblioteca analisada (ver Foto 4) com requintados detalhes, geralmente com folhas de plantas.

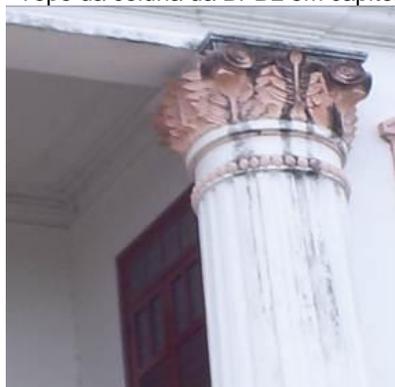
Figura 3 - Capitel coríntio



Capitel coríntio

Fonte: <http://leticiaap.blogspot.com.br/2008/03/arte-grega.html>

Foto 4 - Topo da coluna da BPBL em capitel coríntio



Fonte: Arquivo da BPBL.

Outra comparação da BPBL com as construções gregas pode ser estabelecida com as Ágoras (praças públicas) destinadas às reuniões populares dos gregos e as várias manifestações, discussões, protestos a favor da causa pública ocorrida entre a Praça do Panteon e a Biblioteca. Além do seu auditório que já serviu de espaço para encontro de figuras nacionais e internacionais lutarem por progressos sociais.

Assim, é possível perceber como os elementos arquitetônicos da civilização grega estão presentes no projeto arquitetônico da BPBL, representando o mito de Atenas em que dela se visualiza toda a cidade, foto 5:

Foto 5 - Edificação da BPBL, na parte central de São Luís.

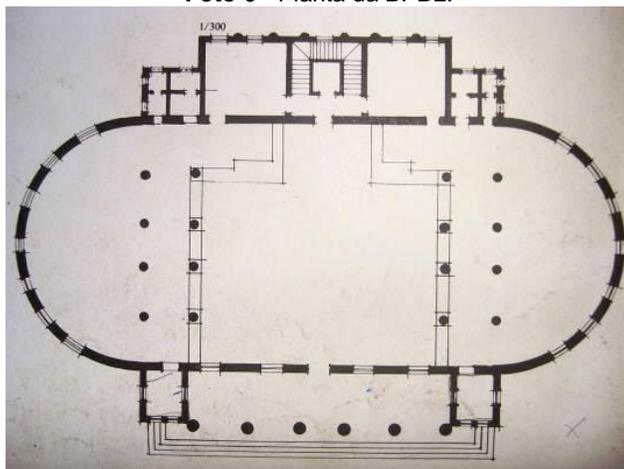


Fonte: Arquivo da BPBL.

Nessa posição privilegiada, cercada de jardins e bustos de filhos eminentes do Maranhão, na Praça do Panteon, como acentua o Professor Rubem Almeida, a *Biblioteca Benedito Leite* lembra a acrópole da helênica Atenas, da qual é em terras brasileiras a legítima representante a vetusta e gloriosa São Luís (VIVEIROS, 1960, p. 314).

Ao observarmos a planta arquitetônica (Foto 6) têm-se dois semicírculos que na Teoria Durandiana representam as estruturas sintéticas. “[...] As estruturas sintéticas eliminam qualquer choque, qualquer rebelião diante da imagem, mesmo nefasta e terrificante, mas que, pelo contrário, harmonizam num todo coerente as contradições mais flagrantes”. (DURAND, 1989, p. 236 apud BARROS, 1996, p.55). O círculo na Teoria corresponde ao período cíclico do tempo em constante reversão, dando vazão as narrativas ou histórias míticas que se perpetuam na sociedade. Podendo ser inferido nessa imagem, a da busca pela eternização do mito da Atenas Brasileira.

Foto 6 - Planta da BPBL.



Fonte: MARANHÃO, 1988, p. 31.

A partir da análise dos questionários aplicados a funcionários e usuários com questões que versaram sobre a crença em mitos, buscou-se saber se Biblioteca poderia ajudá-los a alcançar seus planos para o futuro; com ênfase na maneira como a representação que a BPBL possui em suas vidas (através de desenhos).

5.1 Estrelas, escada, lâmpadas, árvores: análise dos desenhos

Ao analisar os desenhos produzidos pelos entrevistados durante a pesquisa, foi possível traçar um perfil com o auxílio da teoria durandiana. Durand (1989) estuda as imagens e as agrupa em Regime Diurno referentes a luz vencendo as trevas; ainda, herói vencendo monstro, classificadas em estruturas de verticalização e diáriticos que por sua vez, cada uma possui arquétipos universais e símbolos. E Regime Noturno com estruturas místicas (dominante digestivo) e sintéticas (dominante rítmica) a partir de uma busca no interior e no tempo para amenizar as angústias humanas também com seus símbolos e arquétipos.

Para o estudo dos desenhos elaborados por funcionários e usuários destacamos cinco escolhidos aleatoriamente, uma amostragem dos 22, visto que em 3 questionários os questionados optaram por não desenhá-los, dentre estes têm-se a lâmpada (2 vezes), a casa (3 vezes), as árvores (2 vezes), as escadas (2 vezes), e outros como livros, caixa, pé e outros. Pediu-se que desenhassem a imagem que a BPBL representava para eles e explicassem em seguida.

No primeiro (Desenho 1) a representação da Biblioteca Pública é demonstrada por uma lâmpada, no sentido de ser uma luz, como o autor da obra, usuário Q expõe: “representa uma luz para os objetivos dos homens e mulheres”. Dentro das imagens organizadas por Durand (1988) corresponde ao arquétipo substantivo Luz/Trevas, em que as angústias (Trevas) podem ser combatidas pela luz, inspiradas nas imagens de luz, luta, altivez, inserida no esquema da verticalização pertencente ao Regime Diurno em que trevas são superadas pela luz.

A luz tem tendência a tornar-se um gládio para vir à ascensão e assim pela elevação se supera as trevas. Dessa forma, a Biblioteca é uma luz que auxilia no combate a “ignorância” para alcançar a ascensão, que se dá por passar no vestibular, no concurso. Logo, tem-se o gesto dominante postural, esquema de elevação inserido na estrutura heróica do Regime Diurno.

Desenho 1 - Lâmpada.



Fonte: Dados da pesquisa.

O desenho 2 continua nessa representação de luz vencendo as trevas. Também pode ser inserido no Regime Noturno, na estrutura mística, visto que a Biblioteca está dentro da lâmpada, representada como casa, que simboliza uma busca na intimidade, um aprofundamento, sendo desconsiderável o que está no exterior, mas considerando sobremaneira o que está contido nela: material de estudo. Assim, todos os problemas da BPBL são menores em relação ao conhecimento presente em seu acervo, como expõe usuário I:

Biblioteca como solução. Apesar de toda problemática, a biblioteca ajuda muito no crescimento cultural e profissional de várias pessoas, que procuram um lugar calmo para pesquisa e estudo, principalmente para pessoas de baixa renda que não tem nem local e nem material de estudo. A BPBL ajudou-me muito pois desde 1996 estudo constantemente nela. Comecei quando estudava para vestibular, passei em 1998, só estudando na biblioteca pois não podia fazer cursinho. Desde então, estudo para concursos, passei em um em 2006 e ainda vou continuar estudando para passar em outro melhor.

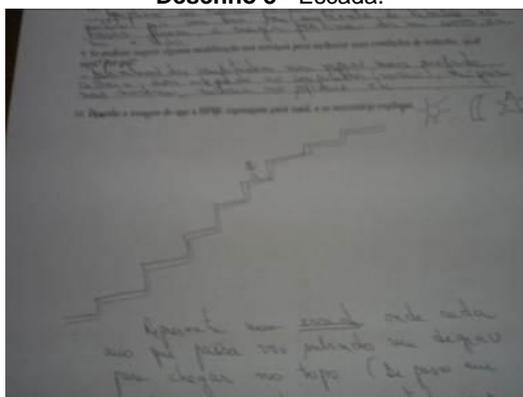
Desenho 2 - Lâmpada com BPBL.



Fonte: Dados da pesquisa.

O desenho 3 a representação por uma escada que representa a subida para atingir poderio e purificação, esquema de ascensão. Nela uma pessoa sobe ao encontro do sol, lua, estrela. A biblioteca é a escada com degraus para realização dos desejos e sonhos. Todos os símbolos destacados equivalem ao Regime Diurno em que o bem vence o mal, o herói vence o mal. É interessante observar a explicação sobre essa imagem: “Representa uma escada onde cada ano que passa vou subindo um degrau para chegar ao topo. (De passo em passo). O sol, a Lua e a estrela representam os sonhos e projetos que serão concretizado” (FUNCIONÁRIO F). Símbolos relativos às imagens de separação da estrutura heróica, em que um ponto levará ao outro extremo, em que a BPBL é o herói que ajuda no combate para concretização dos planos.

Desenho 3 - Escada.



Fonte: Dados da pesquisa.

Por sua vez, no desenho 4, a BPBL é demonstrada por um círculo, um planeta. Na Teoria estudada o círculo equivale ao Regime Noturno, estrutura sintética em que, para superar as angústias é necessário um processo de reversão no tempo dando-lhe harmonia. O usuário dá a seguinte explicação: “o conhecimento desse maravilhoso planeta e do universo. E o que tudo representa “harmonia”. Assim, a Biblioteca é um local que permite fazer volta ao no conhecimento, tempo para harmonização das angústias.

Desenho 4 - Planeta.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao desenho 5 é representada por uma escola com árvores ao seu redor. No modelo teórico trabalhado equivale a casa, símbolo que representa autoreflexão em busca de harmonia. Na descida profunda ao interior para sua equilíbrio. Assim, a BPBL é uma descida para penetração do conhecimento de si, com esquema digestivo, inserido na estrutura mística. A árvore corresponde ao esquema de ligar do Regime Noturno equivale à renovação. Constitui a estrutura sintética em busca de harmonizar dos contrários, que se dá pela adaptabilidade no tempo e não no próprio interior. Observar justificativa dada pelo funcionário B, que se coaduna com o processo de renovação para o crescimento pessoal: “Cada dia aprimoro o meu conhecimento, ao mesmo tempo que, trabalho, apreendo”.

Desenho 5 - Casas e árvores

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, confirma-se a possibilidade desta teoria ser uma aliada no estudo das representações sociais e institucionais⁶ e que as imagens embora em sociedades diferentes possuem raízes representacionais semelhantes. Dessa forma, a Biblioteca Pública Benedito Leite mesmo com os problemas, como acervo desatualizado, banheiros sujos, etc., continua sendo o símbolo da sabedoria, da sustentação da Atenas Brasileira, e como observado, os usuários e funcionários acreditam no seu poder de constituir-se instrumento de ascensão social: passar no vestibular, no concurso, concluir suas pesquisas e vencer as lutas que a vida lhes apresenta, tendo-se proeminentemente a presença dos símbolos ascensionais da Teoria Durandiana conforme as imagens coletadas.

6 Considerações Finais

A BPBL nessa trajetória relatada, mesmo com os problemas mencionados: acervo desatualizado, infraestrutura necessitando de reparos urgentes, escassez de verbas orçamentárias para melhorias nas atividades prestadas por ela na comunidade, conseguiu alguns benefícios que a diferenciam das demais bibliotecas públicas (geralmente construções

⁶ No presente caso, utilizo aspectos da Teoria Durandiana sobre imaginário para capturar e buscar compreender essa representação através de questionários e desenhos.

antigas restauradas, estações ferroviárias, locais cedidos ou a primeira escola da cidade), como prédio próprio para instalação de sua dependência, localizado na parte central de São Luís.

Essa instalação específica para abrigar a BPBL é proveniente de reivindicações de uma classe de intelectuais ludovicenses, que despontaram no cenário local entre fins do século XIX e início do XX. E têm contribuição também do epíteto concedido ao Grupo de Atenienses Brasileiros como anteriormente explicitado, o que a faz ostentar uma arquitetura com tantos detalhes.

Infelizmente a relação com as letras, com a leitura, com o estudo é desigual. O Estado do Maranhão, nas últimas décadas, guarda somente recordações de um tempo glorioso econômico, político e principalmente educacional, deixando-se exposto que essas “glórias” desde então eram apenas para uma minoria que desfrutavam das relações com a educação.

Destacando que é dispensável ficarmos apenas lembrando o passado glorioso, é necessária ação, visualizando-se a biblioteca como essa possível colaboradora para se promover o progresso social, pois ela possui essa função que pode reverter o processo de exclusão em inclusão.

Cabe destacar que essa pesquisa ocorreu até 2007, período da pesquisa. Após a reforma, de 2010 a 2013, em que foram injetados mais de 5 milhões (reforma hidráulica, elétrica, sanitária, enriquecimento do acervo, aquisição de equipamentos tecnológicos) (REFORMA, 2012) vive uma fase áurea, atuando com mais força no combate ao cenário de carência educacional que perpassa o Estado do Maranhão. Hodiernamente, disponibiliza novos serviços e produtos informacionais à sociedade ludovicense, ganhando notoriedade no cenário nacional e internacional⁷. Por ora, sugere-se para uma próxima investigação a análise de como se encontra o imaginário, quais histórias positivas vêm ajudando a contar na cotidianidade dos usuários e funcionários que a circulam após essa tão almejada reforma.

Referências

- BRAGA, M. de F. A. A biblioteca como um lugar de signos. In: _____. **Práticas informacionais e sociedade da informação na Biblioteca Pública Benedito Leite**. 2002. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- BARROS, J. de D. V. **Regimes de imagens em Casa-Grande & Senzala: um estudo do imaginário em Gilberto Freyre**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Administração Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE. Disponível em:<<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/>>. Acesso em: 06. jun. 2016.
- CASTRO, C. A. [Apostila elaborada para disciplina metodologia científica]. São Luís, 2003.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Tradução Liliâne Fitipaldi. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ERICEIRA, R. C. dos S. **Haja deus: a Flor do Samba no Carnaval da Atenas Brasileira**. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006.
- FERNANDES, H. C. **Administrações maranhenses: 1822 - 1929**. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2003.
- LEITE, C. F.; SOUZA, J. M. de. **A tecnologia da informação em bibliotecas: o uso do Arches Lib na Biblioteca Pública Benedito Leite**. 2006. 56f. Monografia (Especialização em Administração Pública)- Universidade Estadual do Maranhão - Escola de Governo do Maranhão, São Luís, 2006.
- MARANHÃO. Secretaria da Cultura. **Bens tombados no Maranhão: tombamentos estaduais**. São Luís: Companhia Souza Cruz, 1988.
- MATTIUZZI, A. A. **Mitologia ao alcance de todos: os deuses da Grécia e Roma antigas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- MORAES, J. **Guia histórico da Biblioteca Pública Benedito Leite**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1973.

⁷ Confira no site da BPBL. Disponível em:<<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/>>. Acesso em 06. jun. 2016.

PINHEIRO, A. L. F. **Caminhos e descaminhos da Biblioteca Pública da Província do Maranhão**. 2004. 96 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia)– Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

REFORMA da Biblioteca Pública Benedito Leite está em fase de conclusão, diz Max Barros. **G1**, Maranhão, 21 maio 2012. Disponível em:< <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/04/reforma-da-biblioteca-publica-esta-em-fase-de-conclusao-diz-max-barros.html>>. Acesso em 12 jan. 2015.

VIVEIROS, J. de. **Benedito Leite: um verdadeiro republicano**. São Luís: Academia Maranhense de Letras; Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1960.

Dados dos autores

Cleyciane Cássia Moreira Pereira

Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bibliotecária-Documentalista da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisadora do Grupo de pesquisa: Competências profissionais e produção do conhecimento na contemporaneidade (CPPCC) da UFBA e o Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas (GEINCOS) da UFPB.

cley.pereira20@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/3727311481006940>

César Augusto de Castro

Professor Titular da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Mestre em Ciência da Informação, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas); Pós Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade do Porto (UP); Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA); Representante na Região Nordeste da Sociedade Brasileira de História da Educação; Coordenador do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL); Pesquisador Produtividade do CNPq. Nível 2

ccampin@terra.com.br

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/2060977814636465>

Roseli de Oliveira Ramos

Mestre em Educação, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Especialista em Planejamento Educacional, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Vice-Presidente do Conselho Curador da Fundação Sôsândrade/Maranhão.

roseli@elo.com.br

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/3191052417348031>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.